



O STALINISMO E SUAS SUBFAMÍLIAS: CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS COM O PARTIDO POLÍTICO DE TITO

Vol. 2 nº 3 jan./jun. 2007

p. 267-278

Gilmar Henrique da Conceição¹
UNIOESTE

Resumo: Este artigo visa dar continuidade aos meus estudos de mestrado e, de modo especial, aos de doutorado. Pesquiso problemas de fundo teórico no âmbito da política, e me atendo às questões das rupturas no partido comunista. Ainda que não seja possível imaginar o titoísmo sem o stalinismo, como situar mais claramente o titoísmo neste conjunto de tendências e correntes, com suas respectivas confluências e divergências? O titoísmo não pode ser classificado unicamente como um “comunismo nacional”, uma vez que não foi exatamente isso, e ao mesmo tempo foi muito mais que isso. Todavia, de fato o titoísmo colocou em foco a questão nacional no âmbito dos partidos comunistas quando reivindicou uma ampla autonomia orgânica para os diferentes Estados comunistas

THE STALINISM AND THEIR SUBFAMILIES: CONFLUENCES AND DIVERGENCES WITH THE POLITICAL PARTY OF TITO

Abstract: This article seeks to give continuity to my master's degree studies and, in a special way, to the of doctorate. I research problems of theoretical bottom in the extent of the politics, and me atendo to the subjects of the ruptures in the communist party. Although it is not possible to imagine the titoísmo without the Stalinism, as it places the titoísmo more clearly in this group of tendencies and currents, with their respective confluences and divergences? The titoísmo cannot only be classified as a “national communism”, once it was not exactly that, and at the same time it was much more than that. Though, in fact the titoísmo put in focus the national subject in the extent of the communist parties when it demanded a wide organic autonomy for the dife

I. INTRODUÇÃO

O stalinismo – com suas confluências e divergências – foi um fenômeno político muito importante, particularmente no que tange à questão da “coexistência entre capitalismo e comunismo”. Stalin dedicou-se ao fortalecimento e crescimento da URSS, dentro das linhas de sua teoria sobre o “socialismo num só país”. Ele pensava ser mais importante e mais realista a adaptação progressiva às chamadas “condições objetivas” para alcançar aquele fim do que promover – como defendia a tese de Trotsky – a “revolução permanente” no plano internacional. Stalin foi implacável e duro contra aqueles que se lhe opuseram no interior do partido. No governo de Krushev, inclusive, foram feitas muitas denúncias de atrocidades e crimes atribuídos diretamente a Stalin, embora o próprio Krushev e demais dirigentes soviéticos fossem seus auxiliares diretos (por medo e/ou por convicção) à época de tais fatos.

Como sabemos, em 1936, por ordem de Stalin, começaram os terrivelmente famosos processos de Moscou, que resultaram em amplo expurgo no Comitê Central do partido e num clima generalizado de terror. Vejamos, brevemente, alguns exemplos: foram afastados e executados os “esquerdistas” Zinoviev, Kamenev e Smirnov, os “direitistas” Bukarin, Rykov, Radek, entre muitos outros considerados “idealistas”, “eccléticos”, etc. As forças armadas também não ficaram imunes, sendo fuzilados vários dos seus principais dirigentes, entre os quais o marechal Tukhatchevski sob a acusação de “cumplicidade com o inimigo”. O “traidor” Trotsky também foi alcançado pelo braço assassino do stalinismo.

Stalin morreu em 1953, mas aspectos negativos da prática stalinista permanecem na atuação de vários militantes de alguns partidos políticos e de alguns sindicalistas. A própria história do Estado soviético, depois do falecimento de Stalin, evidencia que foram profundas as marcas do stalinismo e elas não puderam ser eliminadas nem com a mudança do nome de várias cidades que haviam recebido seu nome. Algumas pessoas ainda têm saudades do “homem de aço”. Na realidade, a prática stalinista deixou um legado duradouro cujos vestígios permanecem até hoje em muitos países, inclusive no Brasil e que se traduz, por exemplo, em uma leitura empobrecida e mecanicista do materialismo histórico (numa espécie de sacralização às avessas calcada num estranho dogma político do “crê no materialismo ou morre”), na incapacidade de lidar democraticamente com as divergências e na falta de escrúpulos com que se ataca quem não é politicamente um seguidor cego, nem um executor zumbi de orientações partidárias.

Este artigo visa dar continuidade aos meus estudos de mestrado e, de modo especial, aos de doutorado, mas aqui, como se verá, há muito mais perguntas

do que respostas. Pesquiso problemas de fundo teórico no âmbito da política, e me atendo às questões das rupturas no partido comunista. Minhas análises estão centradas na “questão do partido como agente educativo” a partir do entendimento que todo partido é uma “parte” da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global da ordem econômica, social e política. Assim o partido é um educador político na medida em que a partir de certos pressupostos filosóficos busca unir e somar forças num determinado campo ideológico. Daí que a necessidade de convencer, educar, doutrinar e engajar o maior número de pessoas no seu projeto partidário surja como corolário da militância política. Há diferenças filosóficas de fundo entre as “famílias” políticas. Desse modo, busco como eixo central de meu trabalho a análise das principais “famílias” políticas e como sabemos, considera-se que há na América Latina quatro principais famílias²: “oligárquica”, “socialista”, “popular” e “democrático-burguesa”. Neste sentido, em meus estudos tenho me concentrado na discussão teórica das “escolas políticas” no âmbito do marxismo, tais como: stalinismo, trotskismo, maoísmo, guevarismo e titoísmo.

Trotsky, Mao, Guevara e Tito constituíram-se em pólos divergentes do partido comunista³. Claro que o titoísmo não teve a importância internacional para os partidos de esquerda que teve o trotskismo, o maoísmo e o guevarismo. Evidentemente há outros pólos que pretendo estudar e esta é a razão de ser deste projeto. A “família socialista” engloba toda a esquerda e extrema-esquerda, incluindo os socialistas moderados, os comunistas e os partidos revolucionários de forma geral. O maoísmo e o titoísmo estão incluídos nas subfamílias stalinista, e o guevarismo, nas organizações revolucionárias guerrilheiras. O trotskismo vincula-se ao socialismo radical.

Ainda que não seja possível imaginar o titoísmo sem o stalinismo, como situar mais claramente o titoísmo neste conjunto de tendências e correntes, com suas respectivas confluências e divergências? O titoísmo não pode ser classificado unicamente como um “comunismo nacional”, uma vez que não foi exatamente isso, e ao mesmo tempo foi muito mais que isso. Todavia, de fato o titoísmo colocou em foco a questão nacional no âmbito dos partidos comunistas quando reivindicou uma ampla autonomia orgânica para os diferentes Estados do “socialismo real”, o que contrariava frontalmente as orientações stalinistas.

Não há dúvidas que o princípio do centralismo democrático pode parecer conflitar-se com o princípio da autonomia. Inclusive, esta questão já havia sido debatida, por exemplo, entre Lenin e Rosa Luxemburgo visto que esta afirmou que a defesa da independência nacional não se adequava num programa socialista. Como sabemos, no momento em que Lênin estava bem doente, o problema do predomínio de Moscou sobre os assuntos dos Partidos Comunistas da Ucrânia e da Geórgia foi suscitado, em 1923, no **XII Congresso do Partido Comunista Russo**.

Depois da morte de Lênin, com a ascensão do stalinismo passou-se a exigir subordinação de todos os partidos comunistas a Moscou; os que assim não fizessem eram chamados de “traidores” e “trotskistas”. O próprio titoísmo, em 1948, foi examinado, pelo stalinismo, à luz de sua possível relação com o trotskismo.

O processo de consolidação do titoísmo de 1948 a 1954 pode ser dividido em dois períodos: o primeiro, que se estende até 1950, é a fase de construção de suas bases ideológico-educativas, quando ainda se mostrava relutante com a perspectiva de rompimento com o stalinismo. Em 1950, o titoísmo tornou-se uma escola ideológico-educativa autoconsciente. O segundo é fase de amadurecimento, com uma posição de desafio explícito à URSS a partir de uma ideologia definida e própria, que lhe deu justificação teórica para esse enfrentamento, que foi esgarçando até o ponto em que se passou a condenar o stalinismo. O titoísmo passou a adotar a teoria da coexistência pacífica entre o bloco soviético e o capitalismo.

Ainda que Stalin e Tito sejam questionados, acertadamente, acerca de seus talentos teóricos no campo do marxismo, puderam, entretanto, produzir uma prática política que se estendeu por toda militância do partido comunista e suscitaram questões que ainda não foram plenamente resolvidas. Assim, quero estudar teoricamente em que medida podemos atribuir responsabilidades ao stalinismo nas séries de derrotas sofridas pela classe operária no século XX.

Conseqüentemente, a partir de questões teóricas e filosóficas estudo algumas das inúmeras cisões e divergências no partido comunista. Desse modo, no atual estágio de minhas investigações pretendo dar seqüência a estes estudos elegendo como foco de análise as divergências e confluências de Tito, como militante do partido comunista. Ou seja, quero pesquisar problemas de fundo ideológico-educativo e me ater à ruptura entre Tito e Stalin a partir de certos problemas fundamentais para o marxismo. Dentre as questões que abordamos podemos ressaltar algumas, tais como:

- quais as questões teóricas e práticas fundamentais que produziram rupturas no interior do stalinismo? Por que Stalin e Tito não são considerados grandes teóricos do marxismo e sim homens de ação?
- como enfocar filosófica e teoricamente os escritos stalinistas?
- A experiência de Tito pode ser incluída no âmbito do stalinismo?
- Até que ponto ele provocou uma ruptura com o partido comunista?
- O que foi o titoísmo? Qual o seu quadro geral de idéias? Qual a teoria da revolução que lhe serviu de fundamento ideológico-educativo?
- Como se traduziu teoricamente o pensamento de Tito? Filosoficamente a prática do titoísmo pode ser enquadrada como reforma ou revolução? Que tipo de militância Tito influenciou?

- Qual a importância atribuída à guerrilha iugoslava e qual a relação que estabeleceu com o partido comunista?
- Qual o conteúdo político da idéia de “coexistência pacífica” entre as nações esboçada por Tito?
- Teoricamente do ponto de vista ideológico-educativo o que significou mudar o nome do Partido Comunista Iugoslavo para Liga Comunista Iugoslava e a Frente Popular para Aliança Socialista ?
- O que significou o Movimento dos Estados não-alinhados, no âmbito do marxismo?
- O titoísmo é uma denominação adequada para um “momento histórico”, para uma “ideologia” ou para um “desvio”? Afinal, o titoísmo constituiu-se, de fato, numa escola política, no sentido de transcender as fronteiras nacionais como o trotskismo, o maoísmo e o guevarismo?

II. ELEMENTOS PRELIMINARES COMO REFERENCIAL DE ANÁLISE

Ainda que minhas preocupações enquadrem-se no âmbito das questões teóricas não há como deixar de me remeter, preliminarmente, à uma perspectiva histórica.

Como já afirmamos, Tito pode não ter sido um grande talento teórico do marxismo, e neste sentido não é levado muito a sério, mas sua prática pode ser pensada teoricamente e suas conseqüências podem ser discutidas. O mesmo pode ser dito do stalinismo. Daí a relevância em se analisar problemas de fundo ideológico-educativo de como a extrema-esquerda avaliou a prática partidária de Tito no âmbito do marxismo.

Assim, se Tito é mais um “prático” do que um “teórico”, o que queremos realizar, a partir de uma ótica ideológico-educativa, é um estudo de sua prática. Tito foi um militante comunista coerente com suas idéias e práticas. Tito iniciou sua militância no partido comunista iugoslavo em 1920 e desenvolveu uma prática partidária conseqüente. Inclusive, em 1928 foi condenado a cinco anos de prisão por suas ações políticas. Depois de libertado foi eleito secretário-geral do partido comunista. Em 1939 participou do **V Congresso do Partido Comunista Iugoslavo**, que decidiu apoiar a neutralidade de seu país na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, em 1941 os alemães invadiram e dividiram a Iugoslávia, pouco antes de atacar a URSS.

Por orientação do stalinismo, a revolução socialista deveria ser secundarizada e os partidos comunistas de todos os países deveriam formar coalizões com partidos e organizações não comunistas, pois era fundamental que os esforços de todos os paí-

ses se concentrassem na luta contra o inimigo comum: o nazifascismo que estava em agressiva expansão. Assim, o *Komintern* recomendava que se adotasse uma política de apoio às Frentes Populares. Reunidos em 1841 pelo partido Comunista iugoslavo com o intuito de resistir à ocupação alemã, os *partisans* haviam iniciado como um grupo de combatentes formado por montanheses pobres. Em pouco tempo, porém, se transformou em um exército de 20.000 guerrilheiros uniformizados e que capturavam tanques, explosivos e armas em ataques de surpresa bem planejados.

Como vemos, Tito organizou um exército guerrilheiro para resistir à ocupação nazista e minhas pesquisas estão buscando analisar teoricamente a relação política da guerrilha com o partido comunista. Estas forças enfrentaram grandes dificuldades lutando, ao mesmo tempo, contra os alemães, italianos e monarquistas. Em 1942 Tito reuniu os diversos grupos étnicos e religiosos em torno do chamado **Comitê Antifascista de Libertação Nacional**. Inclusive, cartazes nazistas ofereciam 100.000 marcos pela sua captura de Tito. As tropas de Tito usavam técnicas de sabotagem e de ataques de surpresa contra os nazistas que possuíam maior número de soldados, artilharia pesada, força aérea e batalhões de paraquedistas. A princípio, por pouco tempo, Tito dirigiu as operações guerrilheiras instalado em seu quartel general em Belgrado, mas logo se somou aos combatentes nos campos de batalha. Quando os combatentes marchavam, Tito marchava com eles; quando faziam árduas caminhadas por regiões perigosas, ele compartilhava a carga com eles. Os guerrilheiros estavam convencidos que, se qualquer um deles fosse ferido, Tito arriscaria a própria vida para salvá-lo.

Mais tarde ele foi proclamado marechal do exército popular e presidente do governo provisório. Em 1945 Tito foi declarado presidente do Conselho de Ministros e ministro da defesa do novo governo. Stálin reagiu à proclamação do novo governo acusando Tito de tê-lo “apunhalado pelas costas”. Entretanto, neste mesmo ano, Tito assinou o **Tratado de Amizade e Assistência Mútua**, o que fez com que a União Soviética enviasse centenas de conselheiros a Belgrado, com o objetivo de controlar as forças armadas, a economia e a política iugoslava. Inicialmente, Tito copiou do stalinismo, quase que inteiramente, sua concepção de Estado, mas depois passou a divergir dela e aos poucos rompeu com ela. Realmente, Tito estava cercado por muitos serviços de espionagem, principalmente russos, britânicos, norte-americanos e alemães. O titoísmo também realizou algumas defecções internas de militantes que divergiram de suas orientações ou que foram acusados, entre outras coisas, de “sabotagem” e “propaganda hostil e caluniosa”.

Sob o comando de Tito, nomeado marechal do exército popular, acabou se conseguindo o apoio das potências ocidentais, e os comunistas assumiram a liderança da Resistência. Os guerrilheiros de Tito formaram o mais poderoso movi-

mento de libertação antifascista na Europa, chegando a forçar a mobilização de mais de 600 mil soldados do Eixo. Organizou-se, então, um corpo legislativo provisório, o Conselho Antifascista de Libertação Nacional, instalado em 1942, o qual por sua vez criou uma organização federal e um governo provisório, presidido por Tito: o Comitê de Libertação Nacional. No verão de 1944, a maior parte das regiões montanhosas da Iugoslávia estava sob o controle dos guerrilheiros. Em outubro o exército soviético penetrou na Iugoslávia e logo a seguir, com sua ajuda, Belgrado foi libertada. Os iugoslavos pagaram um alto preço pela vitória sobre o nazifascismo: próximo de um décimo da população perdeu a vida.

A partir da importância de Tito mais como militante-dirigente e menos como teórico no interior do partido comunista, duas questões nucleares surgiram para mim: Qual a leitura do socialismo que Tito fez e quais suas conseqüências para os militantes revolucionários? Quais seus limites teóricos? Qual o seu grau de aproximação com os países capitalistas? Trata-se de um “desvio” ou de uma nova direção político-partidária?

Ao que tudo indica, Tito revelou aproximações e divergências com o chamado “socialismo real”, que estou estudando, e com o capitalismo ocidental. Assim, após um período de tensão em suas relações com o ocidente (quando os iugoslavos tomaram Trieste e derrubaram um avião norte-americano, por invasão do espaço aéreo iugoslavo), Tito afastou-se da URSS como forma de repelir as tentativas stalinistas de controlar a Iugoslávia e estabeleceu uma nova leitura do socialismo que este estudo também se propõe a investigar. Ao mesmo tempo manteve uma posição de independência em relação às potências ocidentais.

O rompimento de Belgrado com Moscou apresentou um profundo impacto na política internacional e transformou totalmente a visão que as nações do bloco ocidental tinham dos países dirigidos pelos partidos comunistas, a exemplo da Revolução Chinesa que também já havia revelado divergências com a rígida política de Stalin. Tito, inclusive, criticou os EUA pelo apoio a Chang Kai-Chek e suas tropas nacionalistas que tentavam destruir a revolução que instaurou a República Popular da China.

Mesmo considerando que se pode aprender com a experiência revolucionária de outros povos, Tito e Mao Tse-Tung criticaram aqueles que tentavam copiar a Revolução Russa e ao procurarem também aprender com a própria experiência compreenderam que não se podia ignorar as condições particulares de cada país, em termos de organização interna.

Quando Tito percebeu que outras nações também almejavam evitar alianças com a União Soviética e com os Estados Unidos buscou estreitar laços com esses países “não-alinhados”. A partir disso, Tito, Nasser e Nehru fundaram uma

liga dos Estados não-alinhados e procuraram integrar outros países. O primeiro encontro formal destes países teve a participação de 25 líderes de Estado.

Desse modo, a política externa iugoslava foi definida como de não alinhamento, ou seja, de não-participação em nenhum dos dois blocos, liderados pelos EUA e URSS. Tendo como denominador comum essa orientação, a Iugoslávia estabeleceu estreita aproximação com a República Árabe do Egito, a Índia e a Indonésia, respectivamente sob as lideranças de Nasser, Nehru e Sukarno, buscando a unidade de pontos de vista dos países do chamado Terceiro Mundo. A Iugoslávia organizou três conferências mundiais de países não-alinhados: Belgrado (1961), Cairo (1964) e Lusaka (1971). Promovendo a política do não-alinhamento, o marechal Tito realizou mais de trinta visitas a países da África, Ásia e América Latina, tendo estado no Brasil em agosto de 1963. A Iugoslávia também estabeleceu boas relações com o Vaticano, onde Tito foi recebido pelo Papa Paulo VI.

Com a experiência de Tito e Mao foi possível compreender que nem todos os governos de orientação comunista estavam “sob as ordens de Stalin”. A noção de que existiam caminhos diferentes para se chegar ao socialismo deu novo impulso aos movimentos revolucionários em todo o mundo e levou vários países da Europa oriental a buscar maior autonomia política. Décadas mais tarde, este caminho renovador de Mao e Tito, sob certo aspecto foi trilhado pelo próprio Guevara que era avesso à militância sob a ortodoxia stalinista dos partidos comunistas.

Romper com a ortodoxia soviética possibilitou a Tito estabelecer seu próprio programa de política externa, pensar novas questões a respeito do partido, instituir novos planos econômicos e reavaliar práticas stalinistas. Até que ponto isto foi avanço ou retrocesso? Tito foi reformista ou revolucionário?

A denominação “titoísmo” refere-se, portanto, a certos aspectos do comunismo que tiveram como núcleo o Partido Comunista da Iugoslávia, por volta de 1947 e 1953. Desse modo o que ocorreu antes, como depois, na Europa oriental, ainda que ligado à resistência dos comunistas iugoslavos a Moscou, tem ainda um caráter um pouco diverso.

Com relação à experiência do titoísmo há três aspectos interpretativos fundamentais; a primeira considera-o “uma denominação adequada para um momento histórico”, a segunda considera-o “uma ideologia”, a terceira, “um desvio”. Nesse sentido, são questões como essas que estou pensando em pesquisar e discutir. Portanto, o que esse pequeno artigo se propôs foi tentar alinhar, sucintamente, algumas pontos teóricos e filosóficos de investigação que estão orientando minhas pesquisas a respeito do stalinismo e suas subfamílias, ou seja as confluências e divergências no interior do stalinismo que produziram o que se convencionou chamar,

por exemplo, titoísmo e maoísmo, no campo do marxismo e que deverão ser mais aprofundados e melhor explicitados no decorrer dos estudos.

CONCLUSÃO

Este artigo não pretendeu investigar o titoísmo até os nossos dias, nem realizar um balanço crítico pormenorizado de seus acertos e erros; limitamo-nos ao “apogeu” desta experiência socialista e ficamos circunscritos ao período de vida de seu principal expoente, o marechal Tito, ressaltando aspectos importantes de sua experiência e de sua luta pelo poder político, pois conforme ele havia dito: “*Chegou a hora de tomar o poder e devemos tomá-lo de tal forma que a burguesia jamais possa reavê-lo*” (SCHIFFMAN, R. 1987, p.51).

Acerca do rompimento com Moscou é preciso entender que as veleidades de independência de Tito e do Partido Comunista Iugoslavo criaram um desen-tendimento de raízes profundas com a URSS. O stalinismo organizou o *Kominform* (Agência Comunista de Informações) cuja função oficial era promover o intercâmbio de experiências políticas entre os partidos comunistas e incentivar a aproximação entre os “países socialistas”. Mas, na realidade o que também se queria era usar a agência para coletar informações secretas. Neste sentido, em 1948 o *Kominform* que havia substituído o Komintern e que tinha sua sede em Belgrado desde setembro do ano anterior, divulgou inesperadamente uma resolução drástica acusando a direção comunista Iugoslava de “desvio direitista” e “nacionalismo burguês”. O documento ligava Tito a Trotsky e a Bukharin e isto era muito perigoso. O *Kominform* também votou pela expulsão da Iugoslávia do movimento comunista internacional. Foi o início de um rompimento que se traduziu num bloqueio econômico soviético de vários anos que levou ao racionamento de alguns bens essenciais, mas por outro lado levou a Iugoslava a se aproximar do Ocidente, embora sem aderir à OTAN e a procurar colocar em prática uma política independente.

O titoísmo resistiu à pressão e acusações do stalinismo. Em 1950 foram tomadas medidas de liberalização da economia e em 1953 foi aprovada uma nova Constituição que consagrou como princípio básico da política econômica a autogestão de empresas.

Sintomaticamente, o **VI Congresso do Partido Comunista Iugoslavo** mudou o nome do partido para Liga dos Comunistas Iugoslavo e instituiu a Aliança Socialista do Povo Trabalhador em substituição à Frente Popular. Em 1954 mediante um acordo, a Iugoslava abriu mão de Trieste, cedida à Itália.

As relações do titoísmo com a URSS somente puderam ser retomadas – ainda que com alguns estremecimentos - após o falecimento de Stalin, de tal sorte

que em 1955 os dirigentes soviéticos Krushev e Bulganin visitaram Belgrado, num ato de autocrítica pública pela resolução stalinista, já mencionada anteriormente. Os soviéticos publicaram um documento no qual concordavam que “as questões de organização interna ou de diferenças de sistemas sociais são atribuições exclusivas de cada país”. Posteriormente o *Kominform* foi dissolvido e Tito realizou visitas à URSS. A revolta húngara, porém, foi motivo de oscilações nas relações iugoslavo-soviéticas, bem como a invasão da Tchecoslováquia pelos exércitos do pacto de Varsóvia.

Na Iugoslávia, em 1945, foram nacionalizadas quase todas as empresas industriais, transportes, bancos, comércio interno e exterior. Implementou-se também a reforma agrária sendo que a propriedade privada foi limitada a algumas dezenas de hectares. As “terras ociosas” foram distribuídas entre os camponeses, que foram incentivados a se organizarem em fazendas coletivas. Alguns anos depois foi instituída o sistema econômico de autogestão, de participação do trabalhador na direção das indústrias, hospitais, etc. Iniciou-se a autogestão operária nas empresas estatais e nas associações econômicas; posteriormente foi se construindo de forma gradual a autogestão social geral, em todos os setores da vida econômico-social e político.

Desse modo, no titoísmo (ou no “socialismo iugoslavo”) a propriedade privada foi limitada a uma determinada extensão de terras, a um determinado número de imóveis, e à pequenas empresas com reduzido número de empregados. As empresas maiores (bancos, estabelecimentos agrícolas, etc) eram consideradas “propriedade social”. O órgão básico era o conselho de trabalhadores ou, dependendo da natureza da atividade da organização operária, outro órgão de administração correspondente, que traçava planos e projetos de desenvolvimento de cada organização. Os membros do conselho eram eleitos e podiam ter o mandato revogado pela coletividade operária.

Com relação aos aspectos educativos, o ensino elementar era gratuito e obrigatório entre as idades de 07 a 15 anos. Havia vários tipos de escola secundária e o ensino superior era aberto a todos aqueles que apresentassem qualificação. Além das universidades e escolas pós-secundárias, existiam escolas para treinamento de professores e havia, também, facilidade para ingresso em escolas noturnas para educação de adultos a todos aqueles que se interessassem.

Finalmente, no mínimo, a experiência do titoísmo sinalizou algumas questões centrais que provocaram sérias reflexões no campo revolucionário como observamos ao longo do texto: o que significou a ortodoxia stalinista?, qual a importância das guerrilhas e dos *partisans*?, o que representou o chamado comunismo independente? Quais as consequências de um posicionamento contrário ao stalinismo? Quais as aproximações entre o titoísmo e stalinismo? O titoísmo criou de fato “uma nova classe” – a dos funcionários do partido?

Como se constatou, neste artigo, apresentei muito mais perguntas do que respostas. Na realidade, simplesmente esboçamos um projeto ou um plano de estudos, na forma alusiva e lacunar para um assunto tão complexo. De qualquer forma, pelo seu caráter aberto, a formulação de perguntas e questões mostra atualidade e relevância do Titoísmo para o pensamento político contemporâneo e nos dá subsídios para uma avaliação mais abrangente da prática comunista e da experiência recente com o chamado 'socialismo real'. São indagações como estas que estaremos buscando investigar em nossos estudos.

REFERÊNCIAS

- BENSAID, D. e NAIR, **A Teoria Marxista do Partido Político**. Argentina: Ed. Pasado y Presente, 1972, trad. José Aricó.
- BROWN, Michael Barrat. **From Tito to Milosevic**. Merlin Press, 2005
- CARLO, A. **A Concepção de partido revolucionário em Lenin**. In: estudos CEBRAP. Ed. Brasileira de Ciência, jan/fev/março/1976, n.15.
- CONCEIÇÃO, G. H. da. **Partidos Políticos e Educação**. Cascavel: Edunioeste, 2000
- DEUTSCHER, I. **Trotsky, o profeta armado**. Civilização brasileira, 1968.
- _____. **Trotsky, o profeta banido**. Civilização brasileira, 1984.
- _____. **Trotsky, o profeta desarmado**. Civilização brasileira, 1984.
- DRACHKOVITCH, M. M. **O Marxismo no Mundo Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1966.
- GUERRRATANA, V. **Stalin, Lenin e o Marxismo-Leninismo**. In: HOBSBAWN, E. (org.) História do Marxismo. Vol. IX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos**.
- KAUTSKY, K. **O Caminho do Poder**. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- LENIN, V.I. e TROTSKY, L. **A Questão do Programa**. São Paulo: Kairós, 1979.
- LENIN, V.I. **Obras Escolhidas**.
- _____. **Que Fazer?**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **A Revolução Proletária e O Renegado Kautsky** São Paulo: Gráfico-Editora Unitas, 1934.
- LUXEMBURGO, R. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Flama, 1946
- MANDEL, E. **A Teoria leninista da Organização**. São Paulo: Aparte, 1984.

- MARTENS, Ludo. **Stalin – um Novo Olhar**. Ed. Revan, 2003
- MARX, K., ENGELS, F., LENIN, V.I., TROTSKY, L. **A Questão do Partido**. São Paulo: Kairós, 1978.
- MEDVEDEV, Zhores A e MEDVEDEV, Roy. **Stalin Desconhecido**. Record, 2006.
- MESZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. Boitempo, 2004
- _____. **Para Além do Capital**. Boitempo, 2003
- MONTEFIORE, Simon Sebog. **Stalin – a Corte do Czar vermelho**, Cia da Letras, 2006
- MORENO, Nahuel. (org.) **O Partido e a revolução: teoria, programa e política**. São Paulo: Desafio, 1996
- MURPHY, David E **What Stalin Knew**. Yale University Pres, 2005
- NETO, J.P. **O Que é Stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984
- PRADO Jr., C. e FERNANDES, F. **Clássicos sobre a Revolução Brasileira**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- REIS FILHO, D. A **Os Comunistas e a Questão Democrática – os anos 50 e 60**. ANPOCS, 1986.
- RODRIGUES, M. U. **Opções da Revolução na América Latina**. RJ; Paz e Terra, 1968.
- SCHIFFMAN, R. **Tito**. São Paulo, Nova Cultural, 1987
- TROTSKY, L. **A Revolução Desfigurada**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- _____. **História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- ULAM, A.B. **Titoism and the Cominform**. Cambridge: Massachussts, 1952
- VOLKOGONOV, Dimitri. **Stalin – v.1 1879-1939**. Nova Fronteira, 2004
- _____. **Stalin – v.2 1939-1953**. Nova Fronteira, 2004

NOTAS

- 1 Graduado em Filosofia e Doutor em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP.
- 2 JIMÉNEZ, Alfredo Ramos. Los Partidos Políticos em las Democracias Latinoamericanas.
- 3 CONCEIÇÃO, G. H. da. Partidos Políticos e Educação. Cascavel: Edunioeste, 2000.